

VIOLETAS DISPERSAS

VERSOS

DE

Maria da Silva Vieira



Tipografia Espezendense

1 9 2 2

171

SIV-27

So querido Eloy, p.
br, com djs no prefacio,
mais com o comen que
com a intelligencia.

Albano de Alcazar

Violetas Dispersas

n.º 20



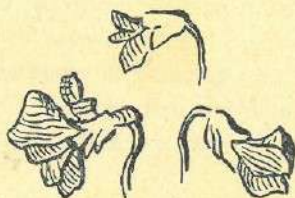


VIOLETAS DISPERSAS

VERSOS

DE

Maria da Silva Vieira



Tipografia Espozendense

1 9 2 2

IN MEMORIAM

Pede-me o meu amigo José da Silva Vieira, pai da poetisa que ajuntou esta mancheia de violetas, que lhe escreva duas linhas de comentário. Poderia responder como Eça de Queirós, quando Joaquim de Araújo lhe pedia um prefácio para o seu *Luís de Camões*: seria atar uma bola de chumbo à asa leve duma ave. O livrinho vale por si só, com as suas qualidades e os seus defeitos. Eça de Queirós, porém, sempre escreveu o prefácio; e eu também quero, não escrever um prefácio, mas desfolhar uma saüdade no limiar destas páginas, em memória de quem as escreveu.

Não conheci Maria da Silva Vieira. Tenho, porém, entre retratos dos que mais estimo, o seu, que me enviou com uma ingénua e affectuosa dedicatória, pouco antes de se retirar a outro mundo certamente melhor. Descubro-lhe no olhar, que tem a claridade da adolescência e a limpidez duma alma bela, um não sei quê de vaga tristeza e de angústia. Diz-me

quem a conviveu, que a Providência lhe não pleiteara os dons corporais. Os da alma sei eu que voavam muito acima das misérias da terra. Era um lírio a crescer num esterquilínio. A podridão sufocou o lírio, que não pôde resistir-lhe e fugiu para o dia eterno com as pétalas imaculadas.

Um dia, Silva Vieira mandou-me versos de sua filha, e teve a bondade de me consultar e de me pedir que a guiasse sempre que pudesse com os meus conselhos, que tinha a generosidade de reputar valiosos. Mais no caso de os receber que de os dar, não quis eu a-pezar-disso negar salisfação ao pedido dum pai que me apresentava a filha que sôbre tudo amava, trazendo na mão incerta um ramilhete de rimas — avesinha a ensaiar os primeiros vôos-e os primeiros gorgeios.

Li os versos. Através das incorrecções da principiante — erros de técnica, ingenuidades pueris, redacção não raro descuidosa — rastreei um fiozinho de sentimento muito feminino, uma simplicidade, uma delicadeza espiritual que me encantaram. Ali não havia literatura. Era o perfume da mulher que sai da meninice e sente, exuberante de seiva, abrir-se-lhe a vida diante dos olhos — o que se desprendia daquêles versos, por vezes sem metro nem harmonia. Corrigi um que outro senão, e devolvi tudo no dia seguinte com palavras de incitamento a produzir mais e melhor. Lembrava-lhe também a freqüência dos nossos poetas, como leitura de proveito e exemplo.

Dai por diante carteci-me directamente com Maria Vieira. Quási todas as semanas me escrevia. Mandava-me versos, pedia-me conselhos e perdão do que ela supunha impertinências — pobre criança! Eu de boa vontade aquiescia, contente de verificar o fruto que dêsses conselhos tirava inteligentemente.

São os versos produzidos nêsse decurso de tempo e alguns, poucos, anteriormente publicados em jornais de província e nomeadamente *O Espozense*, que constituem a matéria desta *plquette*. Muitos se perderam, diz-me seu pai. Ignora-se o local em que outros muitos vieram à estampa. E' pena. Também quisera publicar aqui uma comédia de Maria Vieira, em um acto, de que tenho notícia por um artigo de piedade e saúde que o anónimo E. V. publicou há tempos na *Estrella do Minho*.

Maria Vieira já não vive. Matou-se, naquela idade em que, semelhante à lua quando volta para a terra a face iluminada, a vida se nos oferece pelo seu lado côr de rosa. Porque destruiu ela, com a mocidade esplêndida do seu corpo, a planta viçosa do seu talento, que começava agora a desabotoar as primeiras e mais suaves flôres da fantasia e do coração? Não sei. Mas talvez os últimos sonetos dêste livro, designadamente aquêlê que remata :

Não levo dêste mundo pena alguma.

A dôr que vai matar-me — ai! — é só uma,

Causada por Alguém — tão infeliz!

Mas ai! Tu não me escutas! Tu também,
Desprezas esta vida, que êsse Alguém
Um momento não quis tornar feliz!

talvez, dizia, levantem algum tanto o véu do mistério,
derradeira mortalha em que se envolveu.

*

Quem estiver na disposição de ler as *Violetas Dispersas* enfrornado em Marcelina Desbordes-Valmore, ou mesmo em a nossa inspirada Maria da Cunha, pode fechar o livro, que não há por cá termo de comparação. Êste livro é para ser lido sem exigência e com indulgência. Sem exigência do que não podia dar um cérebro de 17 anos, desornado de letras, e uma alma simples, sem as complicações da civilização. Com indulgência para os senões que os apoucados anos de Maria Vieira e a deficiência de modêlos explicam e escusam.

Também os Grandes assim começaram. O que teria sido da modestíssima autora, se, fãõ nova e já fãõ cansada de viver, se não abismara na voragem insondável donde ninguém regressa?

M. CARDOSO MARTHA.

VIOLETAS DISPERSAS

ESPERANÇA

Em pedregoso atalho, mau caminho,
Tio Francisco ia andando. Traz na mão
o companheiro amigo, o seu bordão
tão velho como o dono, coitadinho.

No tempo em que era novo, um mocetão,
também o acompanhou, quando baixinho
de amor falava à Rosa, com carinho,
ao luar claro, em noites de verão.

Mas isso já vai longe... já passou.
Um filhinho que a Rosa lhe deixou
da mocidade é única lembrança.

Pouco tempo depois de se casar
ela morreu. Êle diz a suspirar:
"Hei-de torná-la a vêr, tenho essa esperança!"

NATAL

Chega o dia da festança
mais linda que o mundo tem:
a festa dessa Criança
que é Jesus — o nosso Bem.

Já sonhos róseos e ledos
me estão povoando a mente...
Já sonho que toda a gente
me dá bonbons e brinquedos!

Os sonhos que eu tinha então
e a mesma alegria louca
voltam ao meu coração,

sem pensar que, de verdade,
não passam duma ilusão
tão própria da minha idade...

BANDEIRA PORTUGUESA

Ao ex.^{mo} sr. José Augusto de Almeida Abreu.

Belo dia de Outono, êsse em que a impavidez
duma falange audaz de bravos sem igual
te desfraldou no ar pela primeira vez
ao glorioso sol do velho Portugal.

Vi-te, e pensei assim: « Não há ninguém, talvez,
que não sinta no peito, ó bandeira ideal,
pulsar o coração na dôce embriaguez
de entusiasmo e amor do feito colossal.

Quando vê no teu verde lindo erguer-se a esp'rança,
delirante, o soldado alvoroçado avança
defendendo-te assim com garbo e com firmeza.

E quantos a lutar por ti no pó caíram,
com seu humilde sangue indelével fingiram
a tua rubra côr, Bandeira Portuguesa! »

1919.

VENDAVAL

Desde a minha janela estou ouvindo
através do pinhal a sibilar
o vento furioso, sem cessar
os pinheiros mais novos destruindo.

Ouç-o também, raivoso, rebramindo,
os vagalhões fazendo encapelar
e a voz imensa do imenso mar
o silêncio da noite percutindo.

Mas depois, suas fúrias abrandando,
perdão a tudo quanto maltratou
o vento passa agora suplicando.

E o mar já as rochas não açoita e fere:
sôbre a areia da praia se prostrou
como um herói aos pés duma mulher.

VI-TE

Louca, febril, a desfolhar um amor,
as lágrimas p'lo teu rôsto formoso,
deslizavam num chôro copioso
caindo sôbre as pétalas da flôr.

È conheci que grande e imensa dôr
ocultavas ao meu olhar ansioso,
quando nêsse momento angustioso
fitei teu rôsto, de mortal palor.



Mas quando, enfim, cessando de chorar,
confiaste de mim tua amargura
beijando com carinho os lábios meus,

eu mergulhei no meu o teu olhar
e vi um mar infundo de ternura
na dôce languidez dos olhos teus.



INFELIZ

Sem cessar, sussurrante, a chuva cai
sôbre as pedras pulidas da calçada.
Batem seis horas. Rompe a madrugada.
Do tásco em frente uma criança sai.

E eu ouço-a murmurar: — «Oh, minha mãe,
quero dormir, ninguém me dá pousada!
Não vês do céu como eu sou desgraçada?...»
E o seu passo estugando, ela aí vai.

Parou além. E diz, já sem chorar:
"Acabou de chover. Posso ficar
nesta porta, talvez, um bocadinho."

Mas ergueu-se de golpe, soluçando
vendo ao longe seu pai cambaleando
direito a ela, a abarrotar de vinho.

1919.

AMOR

Andavam passeando no jardim
enlevados, Armindo e Leonor,
trocando dōces juras dum amor
profundo, que jamais teria fim.

Mas êle, duvidando dêsse ardor,
baixo murmura: "Ouve... só por mim
pulsa teu coração?" — E no carmim
do rôsto seu, brilha a filha da dôr.

Leonor vê seu rosto amargurado
e, estremecendo, diz ao seu amado:
— «Enxuga o pranto. Cessa de chorar.»

Êle, feliz: — «As lágrimas de amor
que tu vês, vou secá-las ao calor
do teu inebriante e meigo olhar.»

TRISTE

Da Tristeza no flórido jardim
eu entrei descuidosa.
E só reconheci, quando saía,
que ali perdêra a vívida alegria
de que era tão ciosa.

Nêsse triste jardim, ousadamente
eu tentei reentrar;
pensando achar a joia que perdêra,
sem a qual minha vida, como cêra,
se escoava . . . a sonhar.

A custo, dominando o meu receio
entrar eu consegui;
inquieta, fremente e vacilante,
correndo aqui, parando além, arfante,
as áleas percorri.

Ais, martírios, perpétuas e suspiros
ali só deparei;
uma saúde mais além pendida . . .
Mas a minha alegria era perdida
jamais a encontrei!

SAÜDADES

À grata memória da minha amiga Maria
da Cunha Torres.

Gracioso *bouquet* de lindas rosas
na tua campa há dias fui depôr
rescendendo perfumes, odorosas,
e junto a essas flôres tão mimosas
a minha cruciante e eterna dôr.

Junto à campa onde moras me quedei
sentido pranto as faces me banhando.
Trémula, alucinada, murmurei
ardentes preces. E ao Senhor roguei
clemência, se tua alma está penando.

Mas que ideia! Como é que pode estar
sofrendo a punição da mão de Deus,
se fôste sempre um anjo modelar,
amor sabendo apenas inspirar
a todos os estranhos e aos teus?

Era já quâsi noite; lento e lento,
descia o sol no mar. Pensando em ti
o olhar perdido, errante o pensamento,
suspiros entregava ao brando vento
que nas asas levou longe dali.

Afastar-me tentei dêsse lugar...
Quando saí de tão longo torpor,
pensando que te havia de deixar
de novo sôbre a campa a soluçar
caí — desabafando a minha dôr.

O DESERTOR

Emquanto a pruma ao lume vai lançando,
Um pobre e velho pai ora ao Senhor,
Ao tempo que, semi-louco de dôr,
Certa scena cruel vai relembando.

É que o único filho, o seu amor
Era partido — nem eu já sei quando! —
Para terras de França, onde lutando
O esperava o germânico invasor . . .

Mas o filho voltou. Almas unidas
Desabafam saüdades mal contidas
E estreitam-se num amplexo de amor.

Mas, súbito, eis o filho que estremece ;
O seu lábio descora . . . empalidece . . .
E balbucia: "Pai, sou desertor . . ."

MARNE

Naquêl solo, que já dera flôres,
Hoje vêem-se só mortos e f'ridos;
Ouvem-se gritos, ouvem-se gemidos
Dos que se torcem a lutar co'as dôres.

São pais, são filhos, outros são maridos,
Êsses nos derradeiros estertores
A suplicarem, entre sangue e horrores
Meigas palavras, gestos compadecidos.

Um pouco além, um j6vem tem tentado
Erguer o corpo f'rido, baleado,
Mas recai s6bre camaradas seus.

Nomes dos que 6le amou e que o amaram,
Ao tombar, dos seus l6bios se escaparam :
«Pai... M6e... Esp6sa... Filho... Adeus! Adeus!»

1918.

A MARIPOSA

Certa mariposa
Voou duma sebe
E muito de leve
Doisou numa rosa.

Mal se viu a rosa
Assim visitada,
Pregunta zangada
À tal mariposa :

“Que é que aqui faz,
Sua impertinente?
Que não deixa a gente
Um momento em paz?”

Tanta ingratidão
Fere a pobrezinha;
Desamparadinha
Cai morta no chão.

NÁUFRAGOS

O mar par'cia querer-se levantar
Arremetendo bravo c'os barquinhos
Que rodopiam, sem poder cortar
Os vagalhões de neve — tão branquinhos!

E os pescadores, êsses, coitadinhos,
As mãos ao céu levantam para orar;
Por essa praia, as mães e seus filhinhos
Estão em altos gritos a bradar.

Mas o mar não escuta aquela prece
E cada vez mais sobe e se enfurece
Submergindo, hiante, ameaçador,

Homens e barcos, num arranco forte.
No entanto, êles pensando só na Morte
Cerram os dentes p'ra abafar a Dôr...

DE NOITE

Nas ruas da cidade adormecida
Eleva-se uma voz triste e magoada,
Ao som de melodiosa guitarrada
Que por mãos sabedoras é tangida.

Dissiparam-se as trevas... Madrugada...
E ainda se ouve ao longe, dolorida,
Cantando trovas, uma voz sentida
No silêncio da noite já passada.

Além, homens de róstos avinhados
Cambaleiam, cabelos desgrenhados,
Sórdidos, a vomitar imprecações.

Atrás, uma mulher esfarrapada
Lamenta a sua sorte desgraçada
Entre injúrias, pancadas e encontrões.

NA ALDEIA

Serpeia clara a água da ribeira
Onde môças morenas, mas formosas,
Ostentando no peito lindas rosas
Mergulhavam os pés por brincadeira.

Mas, tremendo ao contacto da água fria,
Dos seus lábios grilinhos se escapavam
E seus pés novamente mergulhavam
Com vozes de triunfo e de alegria.

Já na ermida tocaram as Trindades.
E umas dizem às outras: — "Já são horas
De nos irmos chegando, e sem demoras...
Adeus, Domingo, só deixas saudades!"

Assim dizem, e assim se vão partindo
Para casa, onde já são esperadas,
Radiantes, contentes, descuidadas,
Cantando alegres, mais alegres rindo.

“ALMA MINHA GENTIL,
QUE TE PARTISTE . . .”

À memória de meu querido irmão Daniel
da Silva Vieira.

Num pequeno caixão, de flôres recamado,
Adormeceu p'ra sempre um ente estremecido,
Cravo que feneceu, mal que fôra nascido.
E que nasceu p'ra ser do nosso amor cercado.

Chamava-se Daniel o meu irmão querido,
Que a morte me levou e Deus tem ao seu lado.
O que serias tu? Um poeta? ou um soldado?
Tudo podias ser, se acaso tens vivido.

Confrange-se-me agora o pobre coração
Lembrando-me que um dia, exausta de viver,
Deus me há-de marcar a hora da partida.

É então irei a ti, ó meu saudoso Irmão,
Pondo termo na terra à dôr do meu sofrer
Para viver contigo a glória doutra vida.

A MORTE

Monstro horrendo, implacável, inconstante,
Olhos vazios, rôsto escaveirado,
A Morte, com seu seio descarnado
Enche-nos de pavor a cada instante.

Em seu manto, ela traz sempre ocullado
Um alfange de gume assás cortante,
Que faz parar o seio palpitante
E o coração ao pobre condenado!

Montando o seu corcel, sem se cansar,
Lá vai correndo Mundo, a espedaçar
Os corações dos filhos e dos pais! . . .

Monstro feroz! Sustém as investidas,
Não ceifes em tão pouco tantas vidas,
Deixa em paz êstes míseros mortais!

CEIFEIRAS

Entre as nuvens, p'ra além dos arvoredos,
Pelo céu alto vai o sol subindo,
No campo em flôr seus raios espargindo,
Iluminando os prados e os vinhedos.

Nos atalhos franjados de silvedos
Em grupos, as cachopas vão surgindo,
Lançando ao ar cantigas; e, sorrindo,
Contam umas às outras seus segredos.

Mas se as vêdes tam cheias de alegria
Heis-de supôr que vão à romaria . . .
Vão apenas ceifar loiras espigas.

E eu, ao vê-las passar c'roadas de hera,
Digo p'ra mim:—Quem dera ser, quem dera
Uma destas airosas raparigas!

SÚPLICA

O' Morte, ó Morte! porque tardas tanto
Quando por ti continuamente anseio?
Não te detenhas, vem, vem sem receio
Dôr termo ao meu angustiado pranto.

Ah, com que rancor a vida odeio!
Eu desprezo-a, a vida . . . É no entanto
Eu amo o cemitério, amo êsse santo
Lugar do meu affecto e devaneio.

Desejo a morte! . . . Mas porquê, Senhor?
Porque sinto em meu peito tanta dôr?
A mim mesma o pergunto em vão . . . Não sei!

Por ignoto sofrer alanceado
Eu sinto o coração espedaçado . . .
Fazei que eu vá p'ra vós, Senhor, fazei!

LUCIANA

Descendo o monte, logo manhãzinha,
Vinha Luciana alegre e prazenteira,
Deixando a fiar ao canto da lareira
A avó, já muito trémula e vèlhinha.

Chegando à fonte, é sempre ela a primeira
A encher sua vermelha cantarinha
De água, que muito límpida e fresquinha
Cantando vem da fonte, na ladeira.

Mas hoje que a velhinha lhe morreu
A graça e a alegria esmoreceu
Nas suas faces tristes e morenas.

Só lágrimas as molham; os descantes
Acabaram; não é quem era dantes
Já não ri, já não canta — chora apenas.

1918.

ANDORINHAS

Vão em breve erguer vôo as pressurosas
Mensageiras da cálida estação.
Com elas vão as horas saüdosas;
Fica o vazio em nosso coração.

Nos parques e jardins, dâlias e rosas
C'o frio inverno em breve murcharão
E juncarão as pétalas cheirosas
Os canteiros, dispersas pelo chão.

Não ouviremos mais os variados
Seus alegres chilreios e trinados,
Nunca mais seu gorgueio mavioso.

Logo que elas se forem — que tristeza!
Uma mortalha cobre a Natureza
E tudo fica triste e silencioso.

1918.

A ESCOLA

Cantando e rindo, mal rompera o dia,
Ei-los transpondo o limiar da escola,
A pasta sobraçada ou a sacola
Saüdando o professor com cortezia.

Nos seus lugares cada um se acola
E ouve com prazer e alegria
Seus conselhos. Depois, em correria,
Veem aos bandos até à aldeola.

Lembrar-se a gente que há quem sinta horror
Aos livros, à escola, ao professor,
A tudo que pertença à instrução!

Crianças loucas! . . . Não sejais assim!
Lembrai-vos de que a Escola tem um fim
— Instruir-vos, que é mais que dar-vos pão!

CIÚMES

No meu jardim há uma fresca rosa
Que das mil outras flôres é inveja.
E' tão vermelha como uma cereja . . .
De todas é a mais bela, a mais vistosa.

A borboleta em derredor adeja
Aspirando-lhe o aroma, de que gosa
Avidamente. E cauta e receosa,
Oscula a flôr aberta que flameja.

Eu, cheia de ciúmes pela rosa
Assim ter-se deixado cortejar
Corto-a sem dô — a mal-aventurosa!

E agora, que eu assim a fui cortar,
Desafio-te, oh branca mariposa
Que ao peito meu a venhas oscular!

IDOLATRIA

A uma criança.

Vi-te passar na alameda
Resplandecente de alvura;
Formosa, gentil e lêda
No teu vestido de sêda,
Tinhas da neve a brancura.

Sentiste os olhares meus,
Ficaste côr do carmim;
E fitando os olhos teus,
Eu, do céu fugido a Deus,
Julguei vêr um querubim.

E quando um beijo pousei
Nessa face de cecém,
Contra o peito te apertei
Pois que voasses receei
D'ra tua mãe que Deus tem . . .

1919.

INVEJA

Ao autor duma carta anónima, occulto
sob o pseudónimo de *Inédito*.

Maldito seja aquêles que, cedendo,
Por ela se deixou avassalar.
Não há nada no mundo mais horrendo
Do que é o nosso próximo invejar.

Vai o gérmen maldito malfazendo,
Vai fibra a fibra da alma desfibrar,
Vai manso e manso entrando e corroendo
Na obra destrutiva de empèstar . . .

Quem a Sorte assinala de invejoso,
Não pode viver simples nem ditoso:
A inveja roi-lhe o próprio coração.

Naturalmente, inveja os inimigos,
Mas inveja até mesmo seus amigos,
Inveja o próprio pai, o próprio irmão!

NOIVOS

Andava alegre a linda Conceição
O seu noivo esperando, no momento
Em que a mãe lhe depôs, com gesto lento
Uma carta enlutada na alva mão.

Segreda-lhe a verdade o coração:
O seu olhar imóvel fixa afento
A fatal carta. É pelo pavimento
Rola, soltando um grito de aflição.

Volta a si, inda trémula e sem côr;
Chora e baixinho diz, louca de dôr:
— Morreu?... Que importa?... Eu morrerei também!

E sem mais um lamento, sem um ai,
Ergue-se um pouco, mãos no peito, e cai,
Indo unir-se ao seu Noivo no Além.

A TI

Seja maldita a hora em que te vi!
Era de tarde — à hora do sol-pôr.
Falaste-me. Escutei-te com fervor.
E o meu coração pulsou por ti . . .

Despediste-te, enfim. E eu parti . . .
Louca que eu fui! Amei-te com calor.
A vez primeira soube o que era amor,
Mas depois, que castigo! O que eu sofri!

É soffro ainda . . . Sofro ! . . . Que loucura !
Esquecer-te ? Só quando à sepultura
Me levarem, fechada num caixão.

Mata-me, meu amor, mata-me embora,
Que a morte me será consoladora,
Mas não me negues o teu coração !

LÁGRIMAS

As lágrimas! As lágrimas! São finas
Jóias de preço e altíssimo valor
Que subtis se desprendem das relínguas
Na maior alegria ou dissabor.

Pelas faces correndo diamantinas
Em rosários diáfanos, sem côr,
São formosas assim, tão pequeninas,
Mas cruciantes, quando são de dôr.

Eu só lágrimas tenho! Que viver!
Nem para lenitivo uma esperança,
Nem p'ra enxugá-las tenho um só prazer . . .

Tão nova ainda . . . Ainda uma criança,
Tenho a corôa de espinhos do sofrer
E o coração de palpitar se cança!

DORMIR... SONHAR...

Se a cabeça pousâmos, abatida
Desta luta de insanas convulsões
No côlo de Morfeu, lindas visões
Nos povoam a mente adormecida.

Voâmos, a sonhar, às vastidões
Do Além, que desconheces, minha vida,
Um louco sonho, a quem damos guarida —
Tantas vezes desfeito em ilusões!

A cabeça, Morfeu, vou reclinar
No colo teu. Os olhos vou fechar.
Teu manto sôbre mim vem estender.

E depois, não me acordes de repente!
Deixa, deixa dormir eternamente
Êste corpo cansado de sofrer!

ABANDÓNO

Meu dolente cantar, ó Musa, inspira,
Que a vida sinto já quase a fugir.
Ah, não fujas! Escuta! Vem-me ouvir,
Se recusas teus dons à minha lira.

A ceifeira implacável vai ferir
Êste peito, que só por ela aspira.
A tua fouce, ó Morte, que me fira
Tempo é de descansar! Quero dormir!

Não levo dêste mundo pena alguma.
A dôr que vai matar-me — ai! — é só uma
Causada por Alguém . . . tão infeliz!

Mas ai! Tu não me escutas! Tu também
Desprezas esta vida, que êsse Alguém
Um momento não quis tornar feliz!

Mês das flores.

ÍNDICE

	Pág.
IN MEMORIAM	V
Esperança	9
Natal	11
Bandeira Portuguesa	13
Vendaval	15
Vi-te	17
Infeliz.	19
Amor	21
Triste	23
Saüdades	25
O desertor	27
Marne	29
A mariposa	31
Náufragos	33
De noite	35
Na aldeia	37
«Alma minha gentil, que te partiste...»	39
A Morte	41
Ceifeiras	43
Súplica	45
Luciana	47
Andorinhas	49

	Pág.
A Escola	51
Ciúmes	55
Idolatria	55
Inveja	57
Noivos	59
A Ti	61
Lágrimas	63
Dormir... Sonhar...	65
Abandono	67